

4

—

162 anos de *Úrsula*

Por uma outra leitura de Adelaide do romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis

RESUMO

O artigo analisa a personagem Adelaide do romance *Úrsula* (1859) de Maria Firmina dos Reis (1822-1917) buscando compreendê-la numa outra perspectiva, diferente da imagem da mulher demônio – clave na qual a personagem é majoritariamente abordada. Procuramos neste artigo entendê-la como agregada nas fimbrias da sociedade patriarcal e escravista em que o romance é ambientado, percebendo desta maneira como Adelaide procura sobreviver como mulher pobre e agregada nessa sociedade paternalista. Seguimos os caminhos teóricos de Sidney Chalhoub, Robert Schwarz e Helen Caldwell.

PALAVRAS-CHAVE

Adelaide. *Úrsula*. Agregados. Maria Firmina dos Reis.

Régia Agostinho da Silva

Professora do Departamento de História da UFMA; Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras, Bacabal - Ma, UFMA; Doutora em História, concentrando seus estudos na relação entre História e Literatura, escrita de mulheres, Brasil oitocentista, escravidão e história das mulheres.

ruaformosa@hotmail.com

Talvez a personagem mais aviltada ou mais mal compreendida do romance *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis seja Adelaide. Por motivos quase óbvios, os estudos sobre o livro concentraram-se em duas vertentes de análise: a questão dos personagens cativos na obra e a questão das mulheres no século XIX.

No entanto, nesta segunda questão atém-se a personagem mãe do jovem protagonista Tancredo, que sofreu todas as tiranias do pai do protagonista e inclusive foi vítima da 'traição' da órfã que criou como filha: Adelaide, personagem que aparece na narrativa de Firmina como o contraponto do que deveria ser a mulher ideal do século XIX - doce, meiga, bondosa, virtuosa, tudo que Adelaide não era ou não foi, ao 'trair' a confiança da mãe de Tancredo e desposar o pai do mesmo. Não fica claro no romance, mas sugere-se que a aproximação de Adelaide com o pai de Tancredo tenha levado a pobre e humilhada mãe à cova. Logo, Adelaide é descrita como a mais vil das criaturas, visto ter 'traído' a confiança da mãe que a criou e de Tancredo que a tinha como noiva. Ambiciosa, preferiu o pai.

Este pequeno texto é uma tentativa de fazer outra leitura de Adelaide. Assim como Capitu, que foi lida e narrada pela ótica de Dom Casmurro, Adelaide é narrada pelo olhar de Tancredo e, algumas vezes,

pelo narrador onisciente. Não temos em *Úrsula*, o ponto de vista de Adelaide, portanto só podemos confiar em Tancredo e na narração onissapiente.¹

Aqui faremos um exercício de compreensão do universo de Adelaide e do que estava colocado para ela para que a mesma fizesse as escolhas que fez. Acreditamos que Maria Firmina dos Reis urde uma trama que, ao mostrar Adelaide como imagem daquilo que as mulheres não deveriam ser no século XIX no Brasil (ou seja: ambiciosa, interesseira e vaidosa) acaba que nos contando, mesmo que não necessariamente de maneira intencional, as táticas² que muitas mulheres pobres utilizavam para ascender em uma sociedade altamente hierarquizada, na qual escravos, mulheres e pobres livres tinham poucas possibilidades de melhorar de vida.

Adelaide era uma pobre órfã que vivia dos favores da família de Tancredo, criada como "se fosse filha". Agregada da casa dos pais do personagem, filha de uma prima falecida da mãe de Tancredo – não considerada pelo pai do protagonista como um par ideal para o filho. Não tinha cabedais, não tinha fortuna e nem nome. O que restaria a Adelaide? Submeter-se à vontade senhorial ou reagir dentro do que lhe era possível em uma sociedade paternalista e escravocrata ao futuro que lhe era reservado?³

¹ Esta percepção de que só conhecemos Capitu pela narrativa de Dom Casmurro foi pioneiramente apontada por CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*. Granja Viana, Cotia, SP, Ateliê Editorial, 2002. Publicado originalmente em inglês em 1960.

² Sobre a questão dos usos de táticas de resistência pelos subalternizados cf. CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

³ Sobre a resistência dos agregados na literatura oitocentista cf. CHALHOU, Sidney. Diálogos políticos em Machado de Assis. In: CHALHOU, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (org.) *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 95-122.

A personagem resolveu ser a protagonista de sua própria história e, dentro dessa sociedade altamente hierarquizada, violenta, paternalista e senhorial, fez o que pode para ascender socialmente. Casou-se com o pai em vez do filho. Para melhor desenvolvermos nosso argumento vamos às apresentações necessárias da personagem.

Adelaide aparece na narrativa primeiramente pelo delírio de Tancredo. Nos parece que capítulos de delírios de personagens eram importantes na narrativa oitocentista. Afinal, assim como na narrativa firmiana, Machado de Assis dedica um capítulo inteiro ao delírio de Brás Cubas quando este estava para morrer.

No caso de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, o delírio do personagem aparece como um capítulo filosófico, sobre as diferenças entre o bem e o mal e a pequenez humana perante a natureza, embora Brás, herdeiro e dono de cabedais jamais se veja como pequeno, mesmo depois de morto. – (ASSIS, 2014).

No capítulo do delírio de Tancredo em *Úrsula* também podemos ler como um momento no qual existe o confronto entre o bem e o mal, o certo e errado. É assim, portanto, nessa dicotomia, que Adelaide é apresentada de supetão ao leitor:

— Eu a vi – exclamou, erguendo a voz, num transporte de satisfação- vi-a, era bela como a rosa a desabrochar, e em sua pureza semelhava-se à açucena cândida e vaporosa! E eu amei-a!...Maldição!...não...nunca a amei. (...) – Eu te vi, mulher infame e desdenhosa, fria e impassível como a estátua! Inexorável como o inferno!...Assassina!...Oh! Eu te amaldiçoo... e ao dia primeiro do meu amor!...Minha mãe!...Minha pobre mãe!... (REIS, 2004, p. 32-33).

Adelaide é assim apresentada, inserida numa dicotomia entre o bem e o mal, entre a aparência e

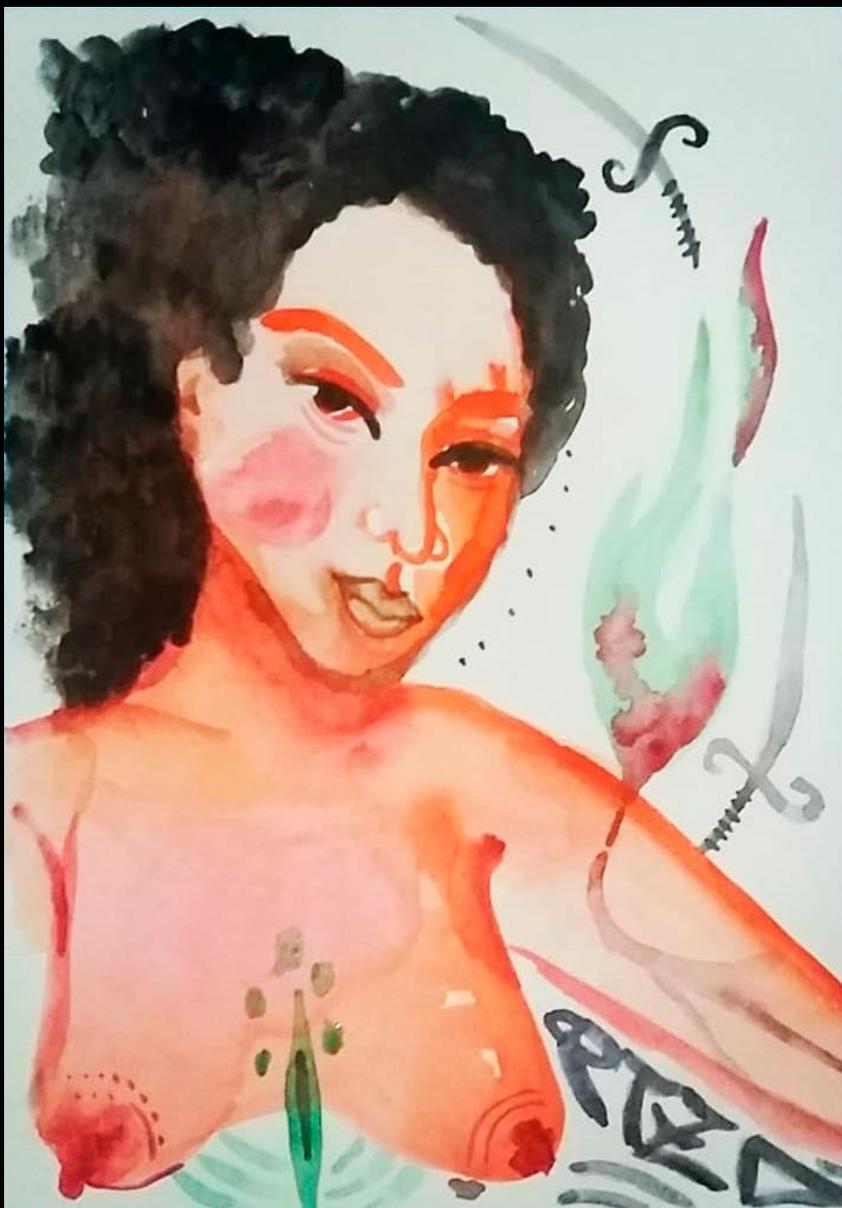
a essência. De “flor de açucena” a “assassina” temos as duas primeiras impressões da personagem, na fala de um Tancredo moribundo e delirante.

Aqui o leitor se encontra em um terreno arenoso: quem seria de fato Adelaide? A “flor de açucena” ou a “assassina”? O que teria ela feito para ser colocada entre um limite e outro? Ou melhor, podemos confiar nas palavras de Tancredo em delírio? Vamos adiante e veremos.

Um Tancredo já lúcido conta a Úrsula como conheceu Adelaide e quem ela era. Primeiro fala que se tratava de uma filha adotiva de sua mãe falecida. As relações entre primos são uma constante no romance. Descobre-se depois que Úrsula também é prima de Tancredo. Os relacionamentos incestuosos ou meio incestuosos aparecem o tempo todo. Mas vamos ao que interessa no momento: a apresentação de Adelaide agora numa narrativa sóbria de Tancredo:

— Tancredo – continuou – não poderei esperar de ti desvelada proteção para aquela que adotei por filha, para aquela que tem enxugado as lágrimas de tua mãe na ausência de seu filho?!...- Minha Úrsula adorada, de joelhos prometi a minha infeliz mãe ser o escudo da formosa órfã. Então ela em sinal de reconhecimento, estendeu-me a mão, que apertei com enlevo. Creio que meus olhos exprimiam algum sentimento terno a seu respeito; porque seu rosto se tingiu de carmim, e depois um débil suspiro, como que há muito reprimido, saiu meio abafado de seus róseos lábios. (REIS, 2004, p. 59).

Na sociedade patriarcal brasileira do século XIX, de fato, caberia a Tancredo a proteção da “formosa órfã”. E claro que na lógica senhorial de Tancredo, Adelaide só poderia lhe ser grata por



Aquarela sobre raiva. Carolina Itzá.



Corpanegra. Carolina Itzá.

isso, afinal “em sinal de reconhecimento”, a órfã estendeu-lhe a mão.⁴

Sobre este ponto é interessante pensar que o gesto de dar a mão é utilizado por Maria Firmina dos Reis no primeiro capítulo do romance: *Duas almas generosas*, no qual Tancredo, agradecido, dá a mão a um Túlio espantando por tal gesto, visto que este, na condição de escravo, estava acostumado a beijar mãos e nunca a um gesto de igualdade ou que um homem branco lhe estendesse a mão.

No caso de Adelaide, o caso se coloca de outra maneira: é ela que oferece a mão em reconhecimento a Tancredo. Há aqui mais um jogo de aparências, pois Adelaide oferece a mão ao mancebo como um gesto que é identificado por Tancredo como reconhecimento da sua bondosa proteção. Afinal, ela era uma pobre porém formosa órfã que em razão dos laços familiares fora adotada pela mãe do personagem, e tinha agora em Tancredo o seu protetor. Adelaide era “como se fora” filha. Agregada da família, sem cabedais, nome ou fortuna, como já afirmamos.

É também na lógica senhorial de Tancredo que todo o sentimento inicial de Adelaide parte de um gesto dele, afinal são seus olhos, mancebo e senhor, que exprimiram “algum sentimento terno” o que teria provocado em Adelaide o enrubescimento, “tingido-lhe a face de carmim”.

Sidney Chalhoub no empolgante *Diálogos políticos em Machado de Assis* (1998) nos mostra como a lógica senhorial operava, ao menos dentro dos textos

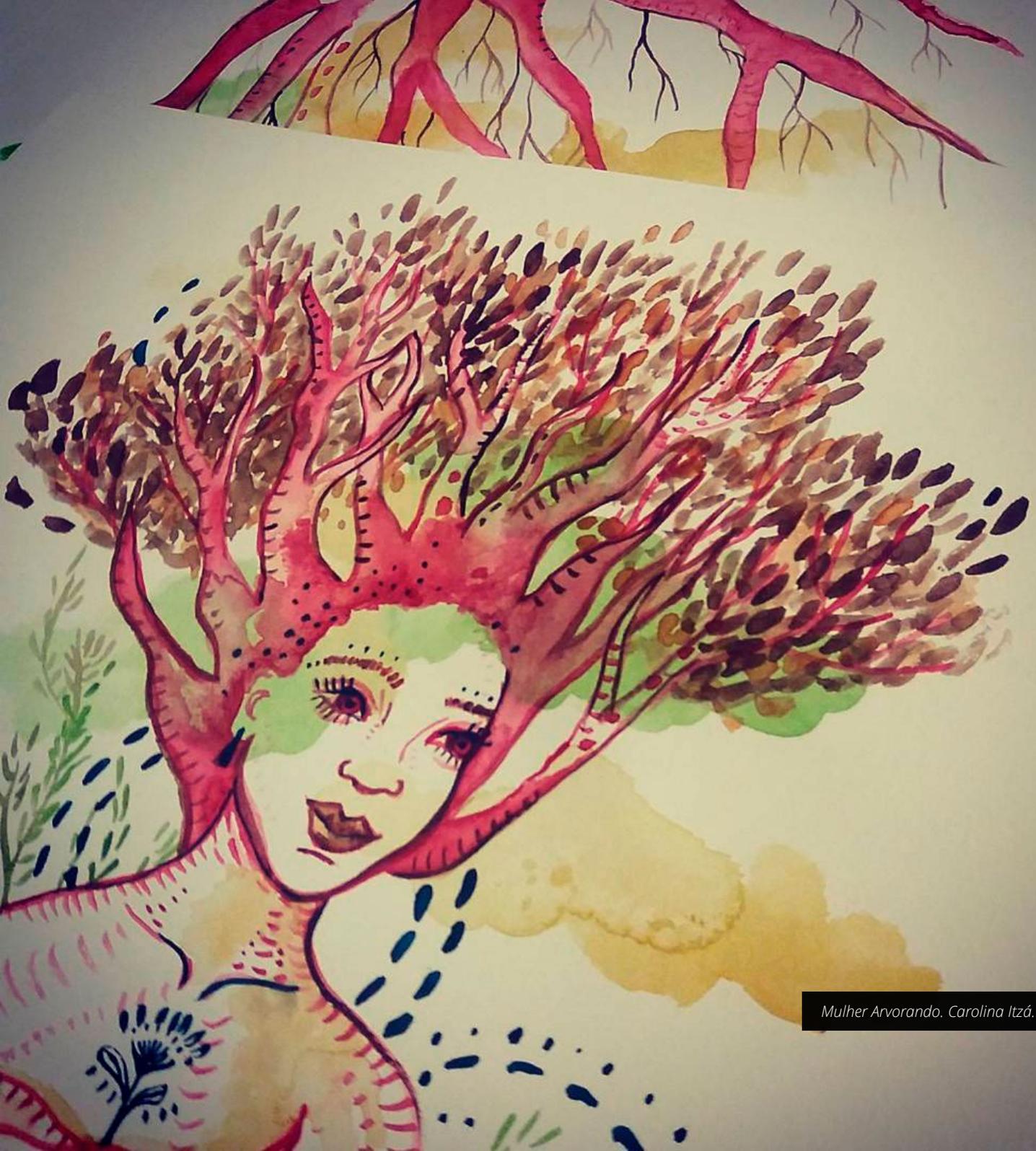
machadianos. O mundo só poderia girar pela vontade do senhor, logo Adelaide só poderia enrubescer porque partira de Tancredo, de seus olhos, algum sentimento terno. Logo, os sentimentos de Adelaide são a resposta à vontade senhorial de Tancredo, ou assim ele queria crer (CHALHOUB, 1998).

Quando Adelaide não se comporta como Tancredo esperava, ela é lida imediatamente como traidora:

Mulher infame! – disse lhe- perjura...onde estão os teus votos? É assim que retribuístes a estremecida paixão que te rendi? É com um requinte de vil e vergonhosa traição que compensaste o ardente afeto da minha alma? Compreendeste ou sondaste já o profundo abismo de infame execração, e de baixa degradação, em que te despenhaste? – Silêncio, senhor- bradou-me com orgulho e desdém – silêncio- estais na presença da mulher de vosso pai, e respeitai-a. – Não, não me hei de calar - redaguei furioso- não me pode esmagar o teu desdenhoso acento. Monstro, demônio, mulher fementida, restitui-me minha pobre mãe, que agasalhou no seio a áspide que havia de mordê-la! Oh! Dívida é esta que jamais me poderás pagar; mas a Deus, ao inferno, a pagarás sem dúvida. Foi essa a gratidão com que lhe compesaste os desvelos de que te cercou na infância, a generosidade com que te amou?!! (REIS, 2004, p. 98-99).

A mulher como anjo decaído, demônio, que se ocultava sob as faces de um anjo, lobo na pele de cordeiro. Adelaide é demônio. Pérfida, calculista, ambiciosa. Quando Tancredo é afastado dela pela vontade paterna, que impõe essa condição para

⁴ Sobre o gesto de Tancredo estender a mão ao escravo Túlio como um ato de agradecimento e reconhecimento de igualdade consultar: DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira. In: REIS, Maria Firmina dos. Úrsula; A escrava. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.



Mulher Arvorando. Carolina Itzá.

aceitar o casamento inferior do seu filho com a mesma, ao retornar a casa, o jovem descobre que Adelaide, depois da morte de sua sofrida mãe, havia se casado com o pai.

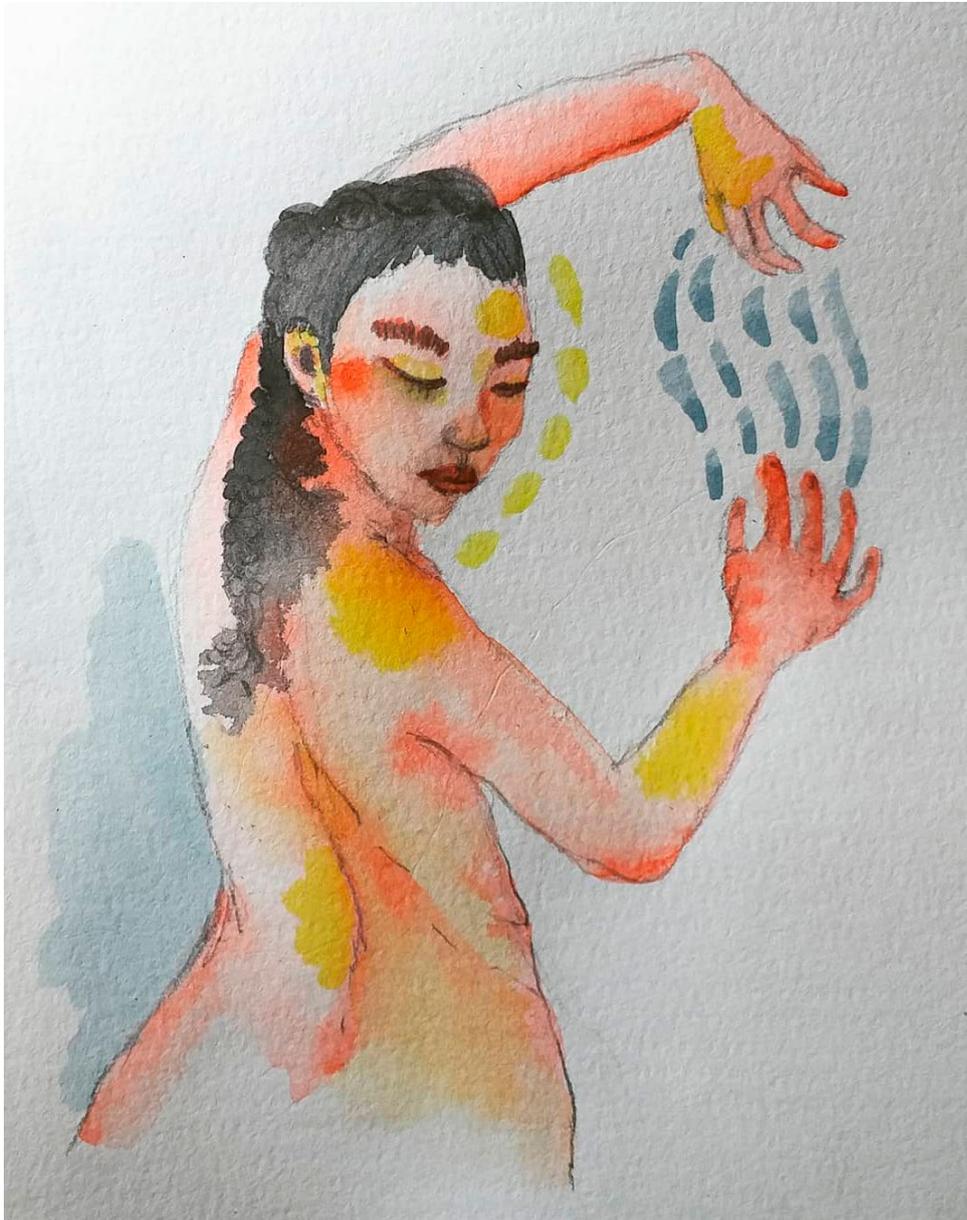
Como nos aponta Sidney Chalhoub no ensaio já citado:

“Lendo a metáfora, encontramos a notação senhorial possível para a idéia de antagonismo de classe e para a experiência da derrota política: traição dos dependentes. Sempre que sujeitos da história, os dependentes traem os senhores” (CHALHOUB, 1998, p. 120). Mesmo tratando-se da análise de Dom Casmurro de Machado de Assis acreditamos ser possível fazer a leitura de Adelaide de Maria Firmina dos Reis também dessa maneira. Adelaide jogou com o que lhe era possível para ascender na sociedade senhorial e patriarcal na qual vivia, e como todos os personagens que de alguma forma burlaram a ordem vigente no romance, teve por fim a morte trágica.

Embora Maria Firmina dos Reis não tenha em seu romance poupado da cova nenhum de seus personagens (já que todos morrem: senhores, escravos, mulheres e agregados), não existe mundo

possível na realidade oitocentista para os personagens de *Úrsula*: mulheres que se revoltam, escravos que questionam a escravidão, senhores bondosos. Para resolver tal dilema, a autora opta pela morte de todos, já que inverossímeis na vida real.

Acreditamos, portanto, que Adelaide merece ser lida por um outro olhar, que seja aquele que vê nela não a mulher-demônio, leitura imediata para o leitor menos atento, mas como uma mulher pobre, livre e agregada, que procura por todos os meios uma forma de sair da vil condição na qual se encontrava de “pobre orfã. O casamento com Tancredo era uma promessa, coisa não muito certa. Adelaide não esperou, não pagou para ver e tampouco sabemos sobre como se deu o início do romance da mesma com o pai de Tancredo, visto que o manco imediatamente culpa Adelaide, mesmo o pai sendo um tirano. Tancredo imagina que o pai só poderia ter sido enganado pela mulher vil e mentirosa, afinal sempre que derrotados, os senhores são traídos, ludibriados, vítimas da traição daqueles que lhes deviam gratidão. ■



Rio Amarelo. Carolina Itzá.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2014.

CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*. Granja Viana, Cotia, SP, Ateliê Editorial, 2002.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHALHOUB, Sidney. Diálogos políticos em Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso

de Miranda. (org.) *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 95-122.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro-brasileira In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula; A escrava*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula; A escrava*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.